



UMA HISTÓRIA DA
OBRA DA REDENÇÃO

Jonathan Edwards



Sumário



<i>Apresentação</i>	7
<i>Prefácio</i>	13
<i>Advertência</i>	15
Introdução geral	17
PRIMEIRO PERÍODO:	
Da Queda até a encarnação	29
Parte 1. Da Queda até o Dilúvio	31
Parte 2. Do Dilúvio até o chamado de Abraão	43
Parte 3. Do chamado de Abraão até Moisés	49
Parte 4. De Moisés até Davi	59
Parte 5. De Davi até o cativo na Babilônia	75
Parte 6. Do cativo na Babilônia até a encarnação de Cristo	97
Parte 7. Um aprimoramento da análise do primeiro período	119
SEGUNDO PERÍODO:	
Da encarnação de Cristo até a sua ressurreição	129
Parte 1. A encarnação de Cristo	131
Parte 2. O pagamento da redenção	137
Parte 3. Um aprimoramento da análise do segundo período	153
TERCEIRO PERÍODO:	
Da ressurreição de Cristo até o fim do mundo	163
Parte 1. O êxito da redenção, no período entre a ressurreição de Cristo e a destruição de Jerusalém	179

Parte 2.	O êxito da redenção, no período entre a destruição de Jerusalém e o tempo de Constantino.....	187
Parte 3.	O êxito da redenção no período que abrange o tempo de Constantino até o surgimento do Anticristo	197
Parte 4.	O êxito da redenção no período entre o surgimento do Anticristo até a Reforma Protestante	201
Parte 5.	O êxito da redenção no período que abrange a Reforma até os dias atuais.....	207
Parte 6.	Aprimoramento dos eventos passados.....	219
Parte 7.	O êxito da redenção, dos tempos atuais até a queda do Anticristo..	227
Parte 8.	O êxito da redenção no período em que a igreja cristã em geral estará num estado de paz e prosperidade	239
Parte 9.	O juízo final	247
Parte 10.	Aprimoramento do todo	257
	<i>Índice remissivo</i>	267
	<i>Índice de passagens bíblicas</i>	283



Apresentação



O *Discurso da redenção*, como era conhecido a série de sermões que deram origem a este magnífico *Uma história da obra da redenção*, título da obra publicada postumamente por John Erskine,¹ em Edimburgo, na Escócia, em 1774, também abreviada como *Obra da redenção*, é a tentativa de Jonathan Edwards, “o teólogo mais criativo e ortodoxo que os Estados Unidos já produziram”,² de recontar tanto a história sagrada quanto a secular a partir da perspectiva divina do plano soberano de Deus.³ É uma metanarrativa que pretende oferecer o drama da história da redenção como uma unidade coerente e divinamente dirigida, expressamente controlada e compelida pela gloriosa determinação de Deus. Como tal, é uma releitura teocêntrica da história humana e um contra-ataque direto à visão do Iluminismo de que a humanidade estaria conduzindo sua própria história, impulsionada pela razão, virtude e inovação humanas.

Originalmente uma série de trinta palestras-sermões pregados em sua igreja congregacional, em Northampton, Massachusetts, entre março e agosto de 1739, Edwards tinha grandes planos para a *Obra da redenção*. Antes de sua morte prematura, ele havia planejado converter essa série de sermões, existente agora apenas como uma compilação de manuscritos de sermões, em uma teologia abrangente que hoje seria classificada como uma teologia bíblica, abrangendo toda a Escritura. Foi durante o

¹Erskine, um fiel amigo de Edwards, com quem trocou muitas cartas, foi um destacado pregador da Igreja da Escócia, que pastoreou a Igreja de New Greyfriars, em Edimburgo, a partir de 1758 e, em 1768, aceitou o convite para pastorear a Igreja Old Greyfriars, na mesma cidade, onde permaneceu até sua morte, em 1803.

²Richard Lints, *Introdução à teologia evangélica: uma análise do tecido teológico* (São Paulo: Vida Nova, 2022), p. 186. “Edwards ocupa o mesmo patamar que Agostinho e Lutero quanto à profundidade de sua análise da experiência religiosa. Ocupa o mesmo patamar que Tomás de Aquino e João Calvino na extensão de seu entendimento intelectual do evangelho. E talvez seja incomparável em sua capacidade de entretecer esses dois fios eficazmente”. Para a biografia de Edwards, cf.: Joel R. Beeke & Randall J. Pederson, *Paixão pela pureza* (São Paulo: PES, 2021), p. 229-64; Franklin Ferreira, *Servos de Deus* (São José dos Campos: Fiel, 2014), p. 282-95; Gerald R. McDermott, *Grandes teólogos* (São Paulo: Vida Nova, 2013), p. 122-43; George Marsden, *A breve vida de Jonathan Edwards* (São José dos Campos: Fiel, 2018); Iain Murray, *Jonathan Edwards: uma nova biografia* (São Paulo: PES, 2015).

³Ibidem, p. 190: “A separação entre história sagrada e secular ‘seria inteiramente inconcebível para Edwards’”.

período, ministrando a um grupo de pioneiros e índios moicanos⁴ em Stockbridge, entre 1750 e 1757, que ele dedicou sua atenção para revisar e ampliar sua *Obra da redenção*, com o objetivo de publicá-la.⁵ Seu desejo era tão grande de concluir esse trabalho que quase não aceitou o cargo de presidente do College of New Jersey, atualmente a Universidade de Princeton. Em uma carta para o conselho curador da faculdade, Jonathan Edwards apresentou uma formulação clara e abrangente para “uma grande obra que chamo história da Obra da Redenção, um conjunto de materiais teológicos em um método inteiramente novo apresentado na forma de história”:

Essa história será desenvolvida em referência a todos os três mundos: céu, terra e inferno; uma consideração dos acontecimentos e alterações interligados e sucessivos de cada um, na medida em que as Escrituras fornecem algum esclarecimento; uma apresentação de todas as partes da teologia na ordem mais próxima da Escritura e mais natural; um método que me parece mais belo e interessante, em que a doutrina divina será apresentada de modo agradável, sob a mais resplandecente luz, da mais impressionante forma, mostrando o encadeamento e a harmonia admiráveis do todo.⁶

Complementando outras teologias impressas disponíveis em sua época nas colônias americanas e que abordavam a teologia de forma sistemática, como *As institutas da religião cristã*, de João Calvino, o *Compêndio de teologia cristã*, de Johannes Wollebius e *A essência da teologia sagrada*, de William Ames, Edwards esperava criar um corte transversal da Escritura, seguindo um tema teológico básico por todas as partes do Antigo Testamento e do Novo Testamento, a fim de notar seu desenvolvimento por meio da Escritura. Nessa nova estrutura, ele iria progredir desde a Criação e a Queda, desenvolvendo os temas das principais alianças, culminando na vinda do Messias e, então, avançando para a consumação da redenção na era eterna. Ou seja, Edwards ambicionava oferecer uma teologia bíblica que abordasse a harmonia estética da Escritura como o tecido subjacente para a estrutura teológica da obra da redenção. Por isso, “ele considerava essa coletânea o ápice de todo o seu trabalho ao longo da vida”.⁷

Seu filho, Jonathan Edwards, o Jovem, descreveu o projeto desta *magnum opus* da seguinte forma: “Nesse trabalho, ele foi o primeiro a mostrar como os mais

⁴Esta apresentação foi escrita ao som da trilha sonora de *The last of the mohicans*, composta por Trevor Jones and Randy Edelman, especialmente as faixas *The Gael* e *I Will Find You*, esta última cantada por Clannad. O belíssimo e celebrado filme *O último dos moicanos*, de 1992, baseado no clássico escrito por James Fenimore Cooper, ilustra as tensões, guerra, violência e perdas na região de New York, durante a Guerra Franco-Indígena, em 1757.

⁵Foi nesse tempo em Stockbridge que ele produziu suas quatro grandes obras, além desta sobre a *Obra da redenção: A liberdade da vontade* (São Paulo: Vida Nova, 2023); *O fim para o qual Deus criou o mundo* (São Paulo: Mundo Cristão, 2019), cujo tema é a natureza da verdadeira virtude; e o pecado original (São Paulo: Vida Nova, no prelo).

⁶Edwards citado por Sereno E. Dwight em *The life of president Edwards* (New York, 130), p. 569-70, *apud*: Richard Lints, *Introdução à teologia evangélica: uma análise do tecido teológico*, p. 189.

⁷*Ibidem*, p. 188.

notáveis acontecimentos registrados na história sacra e secular de todas as épocas, da Queda até o presente, foram transformados para promover a obra da redenção. Além disso, [...] esboçou de que maneira essa obra deveria continuar até o fim dos tempos, à luz das profecias bíblicas”. Como uma série de palestras-sermões, Edwards pregou cerca de trinta mensagens sobre o texto bíblico: “Pois a traça os roerá como uma roupa, e o bicho os comerá como se fossem lã. Mas a minha justiça durará para sempre, e a minha salvação, por todas as gerações” (Is 51.8). A tese que desenvolve ao longo de toda a série foi que “a obra da redenção é aquela que Deus realiza a partir da Queda do homem até o fim do mundo”.⁸ Em geral, ele descreve esse trabalho como um “grande projeto”, sempre enfatizando que Deus é a causa motriz e determinante de todas as coisas. É curioso que Edwards não começa com a criação (mas poderia ter feito se tivesse concluído seu projeto), mas inicia o segundo sermão tratando da Queda, após uma visão geral de seus objetivos oferecidos na primeira mensagem. Ele então divide a história bíblica em uma tríade, em três épocas principais: da queda do homem até a encarnação de Cristo; da encarnação de Cristo até sua ressurreição; da ressurreição de Cristo até o fim do mundo. “Os termos que ele usou para caracterizar esses estágios foram, respectivamente: ‘preparação’, ‘imputação’ e ‘aplicação’”.⁹

Ao abordar o primeiro período, Edwards o subdivide em seis partes, ao longo das linhas das alianças históricas, celebradas entre o único Deus e Noé, Abraão, Moisés e Davi. Os “tipos” de Cristo, ou maneiras pelas quais Cristo foi prefigurado no Antigo Testamento, são mencionados por toda essa primeira parte, pois era um princípio central entre os protestantes, desde os dias de Martinho Lutero, que o Antigo Testamento continha o evangelho cristão implicitamente — encontrando lá o *was Christun treibet*, isto é, o que promove a Cristo.¹⁰ Edwards trabalha para

⁸Para esse resumo do livro, cf. “Editor’s Introduction”, in: Jonathan Edwards, “A History of the Work of Redemption”, em *Works*. orgs. John F. Wilson (New Haven: Yale University Press, 1989), vol. 9, p. 2-79, Richard Lints, *Introdução à teologia evangélica: uma análise do tecido teológico*, p. 185-95.

⁹Richard Lints, *Introdução à teologia evangélica: uma análise do tecido teológico*, p. 192. Os três períodos são apenas subdivisões, porém, de um processo integral, a obra da redenção, ou seja, o relacionamento mais fundamental de Deus com o mundo. Mas cada período tem características especiais. O primeiro, por exemplo, compreende seis administrações ou dispensações distintas, um termo que Edwards usa de forma menos técnica do que o evangelicalismo posterior usaria.

¹⁰O catolicismo medieval produziu uma abordagem multinível para a interpretação das Escrituras. A formulação mais conhecida postulou quatro níveis no texto bíblico: o nível literal ou histórico, que busca o sentido evidente e óbvio do texto; o alegórico ou cristológico, que intenta o sentido mais profundo apontando sempre para Cristo; o tropológico ou moral, relacionado ao cristão em sua conduta; e o anagógico ou escatológico, relacionado ao futuro. Em reação, Lutero e Calvino enfatizaram um retorno ao sentido literal da Escritura. Embora essa atitude não excluísse a estrutura figurativa da Escritura (por exemplo, Lutero afirmava que toda a Bíblia era o berço de Cristo), a primeira geração de reformadores usou tais abordagens com cautela e moderação. A segunda geração de reformadores, como Teodoro Beza, William Perkins, Wollebius e François Turretini, no entanto, embora mantendo o compromisso com o literalismo exegético, começou a enfatizar que muitos personagens, instituições, incidentes e eventos do Antigo Testamento eram sombras ou figuras de Cristo e sua igreja. Acreditava-se também que as passagens apocalípticas se referiam a eventos contemporâneos aos reformadores, antecipados por meio da ação do Espírito Santo. Passagens proféticas de Daniel, Zacarias e Apocalipse forneceriam uma visão do drama programado para o fim dos tempos, e que se acreditava estar ocorrendo. Assim, a segunda geração de protestantes deu mais ênfase a uma interpretação tipológica do Antigo

mostrar a revelação e cumprimento da profecia bíblica, especialmente no que se refere à vinda de Cristo como o Messias. No final, ele inclui uma seção sobre aplicações ou “aprimoramentos”, presentes em todos os sermões puritanos. É notável, no entanto, que as seções de aplicação são mais resumidas nessa obra do que na maioria dos sermões de Edwards.

No segundo período, Edwards se concentra principalmente em temas relacionados à expiação ou o “pagamento” da redenção cumprida na crucificação e morte de Jesus. Edwards acreditava que a vinda, ministério, morte e ressurreição de Jesus Cristo eram centrais para o drama bíblico da obra da redenção. O Antigo Testamento havia antecipado a vinda de Cristo. O Novo Testamento revela e aplica sua vida, morte e ressurreição às vidas dos cristãos. Sem dúvida, Edwards via a vinda de Cristo como o evento que mantém toda a história unida como uma unidade coesa. Nenhum evento, por menor que seja, deixa de apontar de alguma forma para a centralidade de Cristo e sua cruz. Portanto, “de maneira característica, Edwards argumentou que, embora outras atividades divinas, por exemplo, na criação do mundo, possam, estritamente falando, ter precedido e sido pressupostas na redenção da humanidade ao longo do tempo, a redenção era de fato seu propósito ou fim último. Assim, ele via a doutrina da providência como subordinada à [doutrina] da redenção. De fato, se a redenção era superior à criação e à providência, ela era subordinada apenas à autoglorificação de Deus.”¹¹

No terceiro período, Edwards não apenas aborda as outras porções principais do drama do Novo Testamento, ou seja, a ascensão de Cristo e a obra dos apóstolos, mas também leva de forma inovadora o argumento da obra para além da era apostólica e da história bíblica, incorporando outros eventos importantes em uma narrativa abrangente, focalizando as batalhas de Cristo contra o anticristo. Assim, “é no exame do período final da história que Edwards mostra sua maior inovação teológica [...]. A seu ver, o futuro do mundo podia ser conhecido por meio da literatura profética da Bíblia”. Portanto, ele trata da conversão de Constantino como manifestação da expansão do reino de Deus na terra, da ascensão e corrupção da igreja católica romana e exalta o trabalho dos reformadores protestantes e a anseia pela queda do anticristo.¹² Ele vê esses eventos como a história contínua da obra de

Testamento, por meio da qual Cristo poderia ser lido como seu cumprimento. Edwards foi influenciado por essa segunda geração, ainda que, em alguns momentos, fosse além do que seria uma hermenêutica tipológica conservadora. Cf. Stephen J. Stein, “Edwards as biblical exegete”, in: Stephen J. Stein (ed.), *The Cambridge Companion to Jonathan Edwards* (Cambridge: Cambridge University Press, 2007), p. 181-95.

¹¹“Editor’s Introduction”, in: Jonathan Edwards, “A History of the Work of Redemption”, em *Works*. org. John F. Wilson, vol. 9, p. 40-1.

¹²Cf. Richard Lints, *Introdução à teologia evangélica: uma análise do tecido teológico*, p. 193: a divisão desse período em seis partes não foi extraída “de uma categorização explícita presente nas Escrituras”, mas teria “algum tipo de ligação com os seis dias da Criação ou com os seis estágios da aliança veterotestamentária, embora ele nunca tenha explicitado essa ligação. [...] Sua preocupação com a harmonia talvez o tenha impellido a fazer essas ligações”.

redenção e, portanto, de forma alguma separada dos eventos narrados com autoridade divina nas Escrituras.

Desse modo, “a visão geral da história de Edwards era fortemente otimista e ele tinha uma tendência à hipérbole ao descrever eventos que se encaixavam em sua estrutura. Essa estrutura foi moldada por suas visões milenares. Com base em seu estudo das porções proféticas das Escrituras e seguindo algumas escolas de interpretação comuns na época, Edwards desenvolveu o que mais tarde seria chamado de visão pós-milenista do fim dos tempos.”¹³ Logo, ele antecipou o impressionante avanço das missões protestantes¹⁴ e continuamente evidenciou seu fascínio com aqueles tempos em que a verdadeira religião foi grandemente inflamada de ardor por Jesus. Também acreditava que os judeus seriam restaurados à sua terra ancestral, o *Eretz Yisrael*, e receberiam Jesus como o único Messias antes de seu retorno triunfante. Entendia que, embora não soubesse o momento preciso de quando essas coisas aconteceriam, as Escrituras ensinavam a futura restauração dos judeus por meio da fé em Jesus, que resultaria em “vida dentre os mortos” entre as nações gentias da terra. E defendeu essas ideias 209 anos antes de Israel ser reconhecido como nação.¹⁵ Assim, perpassa na obra a crença de Edwards de que os avivamentos são o meio que Deus emprega para realizar seu plano magistral de redenção cósmica.

Edwards conclui a série de sermões com advertências contra a apostasia e a religião falsa, ou seja, o catolicismo romano e o islamismo, este último já sendo percebido como uma ameaça existencial à civilização cristã. Ele encerra com uma seção sobre o juízo final e as alegrias do céu para aqueles que se arrependem e creem na bela obra da redenção adquirida por meio da expiação de Cristo. Em todo esse panorama, é preciso destacar que a percepção teológica de Edwards era uma reinterpretação e um novo desenvolvimento da compreensão puritana da obra da redenção, e uma reminiscência da grande obra de Agostinho de Hipona, *A cidade de Deus*:

¹³George M. Marsden, “Biography”, in: Stephen J. Stein, org., *The Cambridge Companion to Jonathan Edwards*, p. 31.

¹⁴Edwards escreveu, em 1748, um livro intitulado *Humilde tentativa de promover uma clara concordância e união visível do povo de Deus em extraordinária oração, pelo avivamento da religião e o avanço do Reino de Cristo na Terra*, publicado como *A busca por avivamento* (São Paulo: Cultura Cristã, 2010), e que foi importantíssima para a fundação, em 1792, da Sociedade Missionária Batista, no Reino Unido.

¹⁵De acordo com Gerald R. McDermott, *A importância de Israel* (São Paulo: Vida Nova, 2018), p. 65, Edwards afirmou, em 1723, “que as promessas feitas aos judeus na Bíblia não deviam ser espiritualizadas. Ele também previu o retorno futuro dos judeus à sua terra ancestral. [...] A Bíblia, disse ele, previa o retorno em massa dos judeus exilados na Diáspora (Dispersão), mas a maior parte dos judeus ainda vivia na Diáspora. Além disso, escreveu, a Bíblia diz que Deus faria deles ‘um monumento visível da sua graça’, e isso ainda não acontecera. A profecia bíblica era clara e dizia que [...] Israel seria uma nação separada [sem ‘as velhas paredes de separação’]”. E ele conclui, afirmando que, “naquele momento, a religião e o aprendizado estariam em seus respectivos auge, e Canaã mais uma vez seria o centro espiritual do mundo. Embora Israel fosse novamente uma nação distinta, os cristãos teriam livre acesso a Jerusalém porque os judeus considerariam os cristãos como seus irmãos”. Cf. Jonathan Edwards, “Apocalyptic Writings”, em *Works*.org. Stephen J. Stein (New Haven: Yale University Press, 1974), vol. 5, p. 135. Para um desenvolvimento desse assunto, cf. Franklin Ferreira, *Por amor de Sião: Israel, Igreja e a fidelidade de Deus* (São Paulo: Vida Nova, 2022), *passim*.

Os puritanos haviam mostrado grande interesse pela redenção, e nesse aspecto, Edwards era tipicamente puritano. Ele tratou desse interesse de modo bastante explícito em suas obras anteriores relacionadas ao Grande Despertamento. Em escritos posteriores, Edwards se afastou da típica ênfase puritana no impacto subjetivo da redenção sobre a vida do indivíduo e, em lugar dela, destacou sua natureza subjetiva [cós mica]. A abordagem puritana se traduzia, com frequência, em um interesse restrito por uma “morfologia da conversão”. Parte da genialidade de Edwards se encontra na aplicação desse interesse à história como um todo. A seu ver, a história manifestava de modo amplo as experiências da alma individual no processo da regeneração. Portanto, a categoria da redenção ajuda a entender o mundo e sua história e serve até para explicar o papel da experiência do indivíduo nessa história. A visão teológica de Edwards, nesse tratado final proposto, foi moldada pela fusão dos movimentos da natureza, da história e do ser interior do santo em um só drama teológico, “mostrando o encadeamento e a harmonia admiráveis do todo” [na obra da redenção e exemplificada nesse “método inteiramente novo”].¹⁶

O fato é que Edwards “esperava gravar a beleza da obra da redenção no coração e na mente de seus leitores ao manifestá-la no tratado propriamente dito. Seu principal objetivo era envolver a vida dos leitores [...] para que experimentassem a obra da redenção em sua vida”.¹⁷ Mas também podemos enfatizar que, a partir dessa sua grande obra, a igreja é chamada a entender que está em meio a uma grande guerra espiritual. Essa guerra não pode ser travada com orações banais e egocêntricas por vitória diária sobre pequenos pecados, um tipo de oração muito comum, infelizmente. Essa guerra espiritual para o triunfo da obra da redenção de Cristo é travada com a compreensão de que os cristãos estão em um conflito cósmico em grande escala, entre o exército vitorioso em avanço, do glorioso Deus e de seu Cristo em sua obra da redenção, contra a resistência fraca, mas incansável de Satanás. O inevitável esmagamento das tropas malignas de Satanás – que travam uma guerra de guerrilha em vez de um conflito em larga escala num campo de batalha bastante disputado – é certo e seguro, mas esta é uma guerra que deve ser travada pelos cristãos em tempo real, confiantes no triunfo final e espetacular da causa de Cristo Jesus em sua obra de redenção.

Ad maiorem Dei gloriam inque hominum salutem.

Franklin Ferreira
Pastor na Igreja da Trindade, Reitor e Professor de Teologia Sistemática e
História da Igreja do Seminário Martin Bucer, São José dos Campos-SP.

¹⁶Richard Lints, *Introdução à teologia evangélica: uma análise do tecido teológico*, p. 191.

¹⁷*Ibidem*, p. 194.



Prefácio



Há muito tempo os amigos do senhor Edwards desejam publicar vários de seus manuscritos, porém a desvantagem inerente a todas as publicações póstumas e a dificuldade que um país recém-nascido [os Estados Unidos] tem de imprimir uma obra de tal volume colocam obstáculos suficientes para impedir a efetivação de tal empreendimento. Assim que esses manuscritos vieram parar em minhas mãos, o primeiro obstáculo me fez duvidar de minha capacidade de trazê-los à luz de maneira digna de qualquer pai tão honrado. No entanto, em meio à desconfiança do meu próprio raciocínio, fiquei pensando se eu não estava sendo criterioso demais e, portanto, solicitei a opinião de cavalheiros que acreditavam tanto no caráter idôneo do senhor Edwards quanto na causa da verdade. Esses senhores me aconselharam a publicar os manuscritos.

O segundo obstáculo foi removido por um membro da igreja da Escócia, que antes havia se correspondido com o senhor Edwards. Ele queria que esses ensaios de Edwards viessem ao conhecimento público e recrutou um livreiro para assumir essa tarefa.

O senhor Edwards desenvolveu um sistema de teologia usando um método inovador em forma de relato histórico. Nesse trabalho, ele foi o primeiro a mostrar como os mais notáveis acontecimentos registrados na história sacra e secular de todas as épocas, da Queda até o presente, foram transformados para promover a obra da redenção. Além disso, o senhor Edwards esboçou de que maneira essa obra deveria continuar até o fim dos tempos, à luz das profecias bíblicas. O coração de Edwards era tão ávido de realizar esse trabalho, que ele não queria aceitar a presidência da faculdade de Princeton por achar que os deveres dessa posição impediriam o projeto.

As linhas gerais desse trabalho são aqui oferecidas ao público, na transcrição de uma série de sermões apresentados em Northampton em 1739.¹ Na época não havia intenção de publicá-los. Por esse motivo, o leitor não deveria esperar o mesmo refinamento do texto que esperaria de sermões preparados pelo punho do autor especificamente para publicação.

¹Essas informações ajudarão o leitor a entender outras observações cronológicas no trabalho a seguir.

Quanto à elegância da composição, agora considerada tão essencial às publicações, sabe-se que o autor não a priorizou neste trabalho. Não obstante, suas outras obras, embora destituídas de linguagem erudita, exibem um mérito sólido, o que lhes trouxe uma reputação notável e, para muitas pessoas, um apreço elevado. Esperamos que o leitor encontre nessas mensagens muitos traços de bom senso, raciocínio seguro, um conhecimento pleno dos oráculos sagrados e também uma espiritualidade autêntica, não fingida. Levando em conta a novidade desse sistema, e a natureza incomum de suas ideias, desejamos que esses textos sirvam de entretenimento e aperfeiçoamento dos criativos, dos curiosos, dos piedosos e, ao mesmo tempo, confirmem sua confiança no governo mundial de Deus, na sagrada religião cristã em geral e em muitas de suas doutrinas específicas; e que auxiliem no estudo dos livros históricos e proféticos da Bíblia com maior prazer e proveito; e que incentivem um modo de vida digno do evangelho.

Que esta obra produza todos esses efeitos benéficos em todos os leitores; essa é a oração sincera do seu mais humilde servo.

Jonathan Edwards, o Jovem
[Aqui trata-se do filho homônimo de Jonathan Edwards]
Newhaven, 25 de fevereiro de 1773.



Advertência



Estou convencido que aqueles que se deleitam no estudo das Escrituras e têm acesso à presente obra se sentirão em dívida com o reverendo Edwards de Newhaven por ele ter consentido com esta publicação. Embora esta obra apresente vislumbres do filósofo perceptivo e do teólogo profundo, cremos que é mais indicada para a instrução e edificação de cristãos comuns, comparada aos escritos do presidente [da Princeton] Edwards, nos quais a natureza obscura da matéria, ou as objeções sutis dos opositores da verdade, levaram-no a argumentos mais abstratos e metafísicos. O manuscrito foi entregue aos meus cuidados, não ousei modificar seu teor ou conteúdo. No entanto, tomei a liberdade de alterar a forma original, de uma coleção de sermões, a um tratado contínuo. Também alterei e diversifiquei as divisões e subdivisões para que as partes fossem facilmente reconhecidas.

John Erskine
Edimburgo, 29 de abril de 1774.



Introdução geral



Pois a traça os roerá como uma roupa, e o bicho os comerá como se fossem lã. Mas a minha justiça durará para sempre, e a minha salvação, por todas as gerações (Is 51.8).

O objetivo deste capítulo é confortar a igreja em seus sofrimentos causados pela perseguição de seus inimigos. A consolação aqui reiterada consiste da constância e perpetuidade das misericórdias e da fidelidade de Deus para com a igreja, manifestas no trabalho contínuo da salvação a seu favor, na proteção dela dos assaltos de seus inimigos e na condução segura dela através das instabilidades do mundo e, por fim, em sua coroação de vitória e libertação.

No texto a seguir, a alegria da igreja de Deus é comparada ao destino contrário dos inimigos que a oprimem. Assim, observamos:

I. A transitoriedade tanto do poder quanto da prosperidade dos inimigos da igreja: “A traça os roerá como uma roupa, e o bicho os comerá como se fossem lã”. Isto é, por mais prósperos e gloriosos que sejam, serão consumidos aos poucos e logo desaparecerão por uma maldição secreta de Deus, sendo reduzidos a nada. Assim, cessarão eternamente todo o seu poder e toda a sua glória, junto com as suas perseguições; por fim, serão arruinados cabalmente e irrecuperavelmente, assim como a roupa mais fina e vultosa se desgasta com o tempo e é consumida por traças e podridão. Ao examinarmos o versículo anterior, descobrimos a identidade daqueles que serão consumidos dessa maneira. São os inimigos do povo de Deus: “Ouçam-me vocês que conhecem a justiça, o povo em cujo coração está a minha lei; não tenham medo do desprezo das pessoas, nem se perturbem com as suas ofensas”.

II. Em contraste, o destino e porção feliz da igreja de Deus é expressado nestas palavras: “A minha justiça durará para sempre, e a minha salvação de geração à geração”. O versículo anterior revela quem receberá essa bênção: “Vocês que conhecem a justiça, o povo em cujo coração está a minha lei”; ou seja, a igreja de Deus. A seguir, vemos a natureza dessa felicidade.

1. A felicidade da igreja consiste da justiça de Deus e de sua salvação a favor dela. Aqui, a justiça de Deus significa sua fidelidade em cumprir as promessas de sua aliança com a igreja; significa também sua fidelidade à igreja e ao seu povo ao lhes

conceder os benefícios da aliança da graça. Embora esses benefícios sejam concedidos exclusivamente pela soberana graça de Deus, sem nenhum merecimento, Deus tem, livremente, se obrigado a concedê-los pelas promessas da aliança da graça, no exercício de sua retidão e justiça. Portanto, o apóstolo diz em Hebreus 6.10: “Deus não é injusto para se esquecer do vosso trabalho e do amor que mostrastes para com o seu nome”. E também em 1João 1.9: “Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda injustiça”. A palavra *justiça* é usada com frequência nas Escrituras para descrever a fidelidade de Deus à sua aliança, como vemos em Neemias 9.8: “Tu cumpriste a tua promessa, pois és justo”. Sendo assim, em geral, devemos entender que a justiça e a misericórdia da aliança são a mesma coisa, como mostra Salmos 24.5: “Esse receberá uma bênção do SENHOR e a justiça do Deus que lhe dá salvação”. Confirma também Salmos 36.10: “Preserva teu amor para os que te conhecem, e tua justiça, para os retos de coração”. E também Salmos 51.14: “Ó Deus, Deus da minha salvação, livra-me dos crimes de sangue, e minha língua cantará alegremente tua justiça”; Daniel 9.16: “Ó Senhor, segundo todas as tuas justiças, afasta a tua ira e o teu furor”. Outros inúmeros versículos atestam essa verdade.

A outra palavra empregada aqui é *salvação*. Destas duas frases — a justiça de Deus e a salvação de Deus — uma é a causa e a outra é o efeito. A justiça de Deus, ou sua misericórdia da aliança, é a raiz, da qual a salvação é o fruto. Os dois conceitos são relacionados à aliança da graça. Um é a misericórdia e a fidelidade da aliança de Deus, e o outro significa a obra de Deus pela qual a misericórdia da aliança é realizada em seus frutos. Pois a salvação é a soma de todas as obras de Deus pela qual os benefícios provenientes da aliança da graça são concedidos.

2. Podemos observar sua *continuidade*, exemplificada aqui por duas expressões: *para sempre* e *de geração à geração*. A última parece ser uma explicação da primeira. A frase *para sempre* é usada com frequência nas Escrituras. Às vezes o significado é *até o final da vida de uma pessoa*. Por exemplo, o servo que teve sua orelha furada contra a porta de seu senhor deve lhe pertencer *para sempre*. Outras vezes, o significado é *enquanto durar o Estado judaico*. Afirma-se a respeito de muitas leis cerimoniais e levíticas que essas devem servir de estatutos *para sempre*. Às vezes o sentido da frase é *enquanto o mundo existir*, ou até o término das gerações da raça humana. Assim diz Eclesiastes 1.4: “Gerações vêm, gerações vão, mas a terra permanece a mesma”. Às vezes a frase significa *até a eternidade*; portanto se diz que “Deus é bendito para sempre” (Rm 1.25). Também João 6.51: “Se alguém comer deste pão, viverá *para sempre*”. Aqui o sentido da frase é determinado pelas palavras que vêm a seguir, isto é, *até o fim do mundo*, ou até o término das gerações da raça humana.

Isaías 51.8 termina com a seguinte frase: “e a minha salvação, por todas as gerações”. Realmente, os *frutos* da salvação oferecida por Deus permanecerão após o fim do mundo, de acordo com o versículo 6: “Levantai os olhos para os céus e olhai para baixo, para a terra, porque os céus desaparecerão como fumaça, e a terra

envelhecerá como se fosse uma roupa; e os seus moradores morrerão como moscas. Mas a minha salvação durará para sempre, e a minha justiça não será abolida.”. No entanto, a obra da salvação em prol da igreja continuará até o fim, e Deus a libertará de todos os seus inimigos e a salvará até o fim do mundo, pois é disso que o profeta está falando. *Até o fim do mundo*; até que seus inimigos deixem de existir e se esvazie o seu poder de molestar a igreja. E a expressão, por todas as gerações, nos mostra a maneira pela qual Deus continua a fazer a obra de salvação a favor de sua igreja, tanto em relação ao começo quanto ao fim. É de geração à geração, isto é, através de todas as gerações, a começar com as gerações dos seres humanos na terra, e a terminar apenas quando essas gerações cessarem de existir. Portanto, derivamos dessas palavras esta.

Doutrina

A obra da redenção é aquela que Deus realiza a partir da queda do homem até o fim do mundo.

As gerações da humanidade — gerações naturais que se reproduziram na terra depois da Queda — participam da corrupção da natureza que resultou da Queda, e essas gerações, por meio das quais a raça humana se propaga, continuarão até o fim do mundo. Há duas fronteiras quando se trata das gerações da humanidade na terra: a queda e o fim do mundo, ou o dia do julgamento final. A mesma coisa se aplica à obra da redenção, às obras progressivas de Deus, pelas quais a redenção acontece, embora não estejamos falando de seus *frutos*, pois estes permanecerão eternamente.

A obra da redenção e a da salvação são a mesma coisa. Na Bíblia, essa obra é ora descrita como a *salvação* que Deus opera a favor de seu povo, ora como a *redenção* divina que os alcança. Assim, Cristo é chamado de *Salvador* e também de *Redentor* de seu povo.

Antes de elaborar a História da Obra da Redenção, quero explicar os *termos* utilizados nessa doutrina e mostrar as *coisas* que deverão ser realizadas por essa grande obra de Deus.

Primeiro, desejo mostrar em que sentido os termos da doutrina são usados; em particular, a palavra *redenção* e como essa obra de Deus é realizada a partir da queda do homem até o fim do mundo.

I. O uso da palavra *redenção*. Observamos que, às vezes, se entende a obra da redenção num sentido mais *limitado*, que se refere à *compra* da salvação, pois o sentido estrito da palavra é a compra da libertação. Se entendermos a palavra nesse sentido mais *restrito*, a obra da redenção levou pouco tempo para ser realizada, pois começou e terminou com a humilhação de Cristo. Começou com a encarnação de Cristo, continuou durante sua vida terrena, enquanto ele se achava debaixo do poder da morte, e terminou com sua ressurreição. Assim costumamos dizer que

no dia de sua ressurreição Cristo terminou a obra da redenção, isto é, a compra se finalizou; e a obra em si, e tudo que lhe pertence, em suma terminou, porém não em sua completude.

Às vezes a obra da redenção é compreendida num sentido mais amplo, para incluir tudo que Deus realiza para esse fim; não apenas a compra em si, mas também todas as obras de Deus preparatórias àquela compra, inclusive sua realização bem sucedida. Assim, a dimensão inteira desse processo, incluindo preparação e compra, aplicação e realização da redenção de Cristo, é chamada aqui de obra da redenção. Inclui tudo que Cristo opera em seu papel de Mediador, em todos os seus ofícios, seja de profeta, sacerdote ou rei; e se estende ao seu tempo na terra, em sua natureza humana, tanto antes quanto depois disso. Inclui não apenas o que Cristo, o Mediador, fez, mas também o que o Pai ou o Espírito Santo têm feito, juntos, unidos, confederados nesse projeto da redenção da humanidade pecaminosa; ou seja, tudo que é realizado para execução da aliança externa da redenção. Para mim, a doutrina da obra da redenção é essa, pois é uma obra só, um só plano. As várias dimensões que pertencem à obra da redenção fazem parte de um projeto unificado. É um plano exclusivo, atendido diretamente por todos os ofícios de Cristo, e com o qual todas as pessoas da Trindade cooperam. Todos os elementos que pertencem ao plano são unidos, e suas engrenagens compõem uma só máquina, voltada para um único fim, para produzir um único efeito.

II. Afirmei que essa obra é *contínua*, que vai da queda do homem até o fim do mundo, e quero fazer algumas observações para que meu raciocínio seja perfeitamente claro.

1. Não estou dizendo que nada foi realizado em relação à obra da redenção *antes* da queda do homem. É verdade que algumas coisas foram feitas antes da criação do mundo, sim, desde a eternidade. As pessoas da Trindade eram, por assim dizer, coligadas num plano, na aliança da redenção. Nessa aliança, o Filho foi designado pelo Pai para a realização da obra; todos os detalhes da obra foram estipulados e aceitos de comum acordo. Alguns aspectos da obra foram projetados na *criação* do mundo, pois o mundo parece ter sido criado para esse fim. A obra da criação foi uma manifestação da providência divina. Assim, se alguém me indagar quais obras são mais importantes: as da criação ou as da providência, respondo que são as obras da providência, porque as obras da providência são a finalidade de suas obras da criação, assim como a construção de uma casa ou a fabricação de uma máquina serve o *uso* dela. No entanto, a principal obra da providência divina é a da redenção, como veremos na elaboração a seguir.

A criação do céu foi para a obra da redenção como habitação dos redimidos. “Então o Rei dirá aos que estiverem à sua direita: Vinde, benditos de meu Pai. Possuí por herança o reino que vos está preparado desde a fundação do mundo” (Mt 25.34). Até os anjos foram criados para se envolverem nessa obra. Portanto, o apóstolo os chama de “espíritos ministradores, enviados para servir em favor dos